

Nascer, morrer, não pertencer

MAREK DUSILEK

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Oito horas e trinta minutos, a prova logo começará. A porta da sala está aberta, nela adentro procurando pelo meu lugar. Alguns minutos se passam, as outras pessoas já se sentaram e eu ainda não consegui me encontrar. As pessoas na sala me observam confusas, sem compreender minha angústia que, a cada minuto que passa, se solidifica.

Articulo um grito calado - “Onde está meu lugar?!” - mas ninguém consegue me escutar. Os olhares dançando pela sala se concentram em mim e parecem apenas confirmar meu medo maior, eles me dizem que eu não me encaixo ali. Ninguém pensou que eu viria, ninguém pensou que eu viria totalmente desviante. Não houve preparo, ninguém nem pensou que eu pudesse sequer existir, certamente não ali.

Derrotado pelo desespero, me sento em um lugar qualquer e aguardo, ainda com um rastro de esperança de que haverá um lugar para mim, que eu só não fui capaz de encontra-lo sozinho. Sim, é isso, o desespero me despiu das minhas capacidades de independência, me despiu de minha mais completa competência. Deve ser isso, tem de ser, apenas o desespero desnorteador.

O professor entra, se apresenta e não tarda a explicar as normativas e instruções daquela avaliação. Eu o interrompo, envergonhado, questiono onde eu poderia ficar. Ele me observa intrigado, talvez até indignado. E, em meio a gambiarras, sou deixado de lado. Toda a sala me observa como se fosse óleo em tela, eles tentam me decifrar. Despido e exposto, essa é minha condição para a realização desta avaliação. Consigo ouvir os questionamentos nos olhares - “Que tipo de autor faria algo assim?”, “Quem colocaria essa tela aqui?” - não sei responde-los, assim, apenas abaixo a cabeça e desvio o olhar, não quero mais ouvir suas indagações.

Calma, respira, isso ainda é uma avaliação. Respiro fundo e observo as questões a serem respondidas, as letras não formam palavras, a página carece de significância, está repleta de vazios absolutos. Respiro outra vez, entrego minha identidade ao professor e me procuro na lista – “Só é preciso assinar onde estiver seu nome” - ele me diz. Eu a leio e releio, completamente incrédulo com a realidade que ela me mostra.

Nascer, morrer, não pertencer

MAREK DUSILEK

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Eu não existo ali.

A sala congela, e aterrorizado eu observo que trouxeram meu cadáver para a sala. Meio desesperado, grito baixinho que algo está errado. O professor indica que me escuta, mas desconversa. Uma miríade de questionamentos me surge: Será que estou no lugar errado? Será que, sem saber, vim atestar a minha autópsia? Será que ninguém mais percebe o cadáver entre nós? Eles não se abalam com isso? Será que isso é normal por aqui?

É, afinal, um lugar misterioso cujos costumes desconheço. Talvez aqui a exposição de nossos cadáveres assim tão publicamente seja completamente normalizada. Me lembro dos gritos que ouvi pelos corredores antes de encontrar a sala, não conseguia distingui-los antes, mas eles me parecem cristalinos agora. Outras pessoas também observaram suas autópsias por aqui, talvez isso seja recorrente para algumas delas.

Volto para a sala, o professor me diz que a secretária era a responsável pelo cadáver, em uma tentativa de culpabilizá-la. Essa explicação, no entanto, não me faz nenhum sentido. Como ninguém a avisou que não estamos em necrotério? Como não houve treinamento para que ela soubesse que não é razoável passear com cadáveres? Ele tenta se explicar, com desculpas sem sentido e, sem notar, me mostra toda a bagunça da casa. Ouvi dizer que essa era uma casa acolhedora, sempre com um lugar possível para se encaixar. Quem sabe foi ingênuo da minha parte acreditar que alguém poderia ter a casa arrumada, mas certamente não era isso que esperava. Quiçá foi minha a culpa por criar expectativas tão altas, mas será que acreditar que posso pertencer a algum lugar é assim tão irreal? Será que não tenho direito a sonhar também?

Penso em correr, penso em fugir antes que presencie minha própria necrópsia. Quero gritar, chorar e desabar. Sinto como se fosse uma casinha de madeira vendo o vento forte chegar. Uma casinha de madeira em uma rua repleta de edifícios de concreto, completamente destoante, fora do lugar. Escrevo letras e palavras, tento me distrair, tento seguir, mas o que devo fazer se anunciaram que vão me demolir?

Nascer, morrer, não pertencer

MAREK DUSILEK

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

A prova termina, eu posso partir, posso voltar a respirar. Observo meu redor, cores e plantas formam a sinfonia que dá vida a um lugar tão lindo quanto se poderia imaginar. Este é um lugar viço e vigor, sim, cheio de vida para todas essas outras pessoas, não para mim.

Descobri, de modo cruel e inesperado, que a minha morte havia sido decretada e eu não tinha o direito de ali estar como as demais presentes. Por fim, a vitalidade me entristeceu ao me arrancar todas as esperanças.